



HAL
open science

”Poetas rebeldes na São Paulo desavairada dos anos 1930 ”

Símele Soares Rodrigues

► **To cite this version:**

Símele Soares Rodrigues. ”Poetas rebeldes na São Paulo desavairada dos anos 1930 ”. TUCCI CARNEIRO Maria Luiza. São Paulo, Metrópole das Utopias, Lazuli, 2009, 9788578650148. hal-02971083

HAL Id: hal-02971083

<https://hal.science/hal-02971083>

Submitted on 16 Nov 2020

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L’archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d’enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

POETAS REBELDES NA PAULICEIA DESVAIRADA

Simele Soares Rodrigues



PHOTOGRAPHED BY THE AP WIRE

AP Wire
AP Wire

AP Wire
AP Wire
AP Wire

AP Wire
AP Wire

A criação do Deops de São Paulo coincidiu, no ano 1924, com um momento de rebeldia política instigada por agitações operárias com forte inspiração anarquista, pela fundação do Partido Comunista do Brasil, em 1922, e pelas rebeliões tenentistas. A cidade de São Paulo – maior pólo industrial da América Latina e principal centro aglutinador de imigrantes no Brasil – teve seu cotidiano alterado por grupos de ativistas, nacionais e estrangeiros, dedicados a tornar possível um mundo “imaginado”, com base em suas teorias. Num processo contínuo, múltiplos mundos eram imaginados, outros abandonados e substituídos por mundos alternativos: socialista, anarquista, comunista, integralista, nacional-socialista. No entanto, nem todos tinham o direito de abandonar o “seu” mundo imaginativo para vivê-lo na realidade¹.

Preocupadas em conter quaisquer manifestações de descontentamento político-social, as classes dirigentes criaram um aparato coercitivo-jurídico com a finalidade de preservar a ordem estabelecida pelo Estado republicano. A censura institucionalizada foi direcionada aos elementos “suspeitos”: desde grupos imigrantes – como russos, lituanos e judeus – até os anarquistas e comunistas. Estes últimos tornaram-se os mais visados pela Polícia Política pelo fato de lhes ser atribuída a “prática de conspirar”. Situação semelhante vivenciaram os anarquistas na década de 1920, criticados por serem violentos e praticarem o terror. Ainda que na clandestinidade, esses ativistas valeram-se da sua inventividade para fazer circular suas propostas de revolução social. Poesias, hinos, panfletos, jornais, bandeiras, broches de campanha e grafites funcionavam como registros materializados de suas utopias² e como formas distintas de fazer propaganda política.

Um traço comum à maioria dos “poetas rebeldes” era a forte simpatia pelas esquerdas nacionais. Mas foi durante o governo de Vargas (1930-1945) que os poetas paulistanos ficaram sob a vigilância sistemática do aparato repressor, ora pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), instituído em 1939,

1 CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. “Introdução”. In: *Metrópole das Utopias*.

2 *Idem*.

ora pelo Deops, cuja sede era em São Paulo. Ambos atuaram em diferentes campos da cultura, dedicando-se a controlar a “literatura política” nacional e internacional que, possivelmente, poderia estar entrando no país. Rotuladas como “publicações nocivas aos interesses brasileiros”, muitos desses impressos foram confiscados e anexados aos prontuários de poetas paulistanos fichados pelo Deops/SP.

A repressão, intensificada durante o Estado Novo (1937-1945), não foi aleatória. Fica evidente que os dirigentes pretendiam controlar a produção dos letrados e colocá-los a seu serviço. Alguns, participantes do mercado de bens culturais, chegaram a ocupar cargos e a aceitar as vantagens que o regime oferecia. Foi o caso, por exemplo, do poeta Cassiano Ricardo, que serviu junto ao Deops como censor. Dessa forma, estreitavam-se os laços de controle da cultura pelo Estado que, pela ação da Polícia Política, procurava “purificar” a sociedade das ideias ditas sediciosas.

Apesar do uso da força e do amedrontamento imposto pelos órgãos repressores do Estado Novo, vale a pena ressaltar a criatividade com que os artistas opositores procuravam, na clandestinidade, propagar suas ideias sediciosas. Eles criavam fórmulas de divulgação que iam desde a inclusão de panfletos em cordéis de música popular e bibliotecas ambulantes, até a “prática do barbante³. Atenta a todos os tipos de desvios, a repressão estatal investia contra o “indesejável”, ou seja, contra tudo que pudesse subverter a ordem instituída. Percebemos que intelectuais, editores e livreiros, assim como os poetas, não ficaram passivos diante do autoritarismo.

No âmbito da cultura política, os dissidentes políticos e os artistas esquerdistas que atuavam em São Paulo foram tratados como “criminosos”. Hoje, os registros policiais nos permitem reconstituir o mundo do crime político, principalmente no campo literário e poético, por onde circulavam os “inimigos” da ordem social. Assim como nas obras de teóricos políticos, o discurso poético também era representado pela força da palavra. Ao serem resgatados pelos pesquisadores, esses textos colaboram para a reconstituição da memória política brasileira. Ressaltamos que os poemas são “meios insubstituíveis de capturar os sentidos múltiplos da experiência humana” e “nos devem conduzir a horizontes cada vez mais largos”⁴. Os conteúdos nos fazem enxergar novas interpretações históricas, além de enriquecerem o conhecimento acerca da nossa cultura nacional. Segundo a historiadora Maria

3 CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros Proibidos, Idéias Malditas: o Deops e as Minorias Silenciadas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 14.

4 SCHWARTZMAN, Simon. *A Redescoberta da Cultura*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1997, p. 16.

Luiza Tucci Carneiro, “os homens do poder e os revolucionários sempre tiveram consciência da força da palavra. É pelo discurso oral ou escrito que as ideias circulam seduzindo, reelaborando valores e gerando novas atitudes”⁵.

Podem-se pontuar os motivos principais que induziam a Polícia Política do Estado de São Paulo a considerar a poesia como algo perigoso para a sociedade, principalmente nos anos de 1930 e 1940. Primeiramente pelo fato de a poesia expressar o talento de seu autor de seduzir pela palavra, traduzir os sentimentos e provocar emoções. O poeta, ao se pronunciar, pretendia tocar a sensibilidade do leitor e, sobretudo, transferir para o outro sua impressão sobre o mundo e seu modo de pensar. Desse modo, a palavra poética, numa época em que as ideias eram vigiadas, torna-se um instrumento político capaz de alterar a ordem instituída. É o caso das poesias anônimas – e, em especial, aquelas que foram anexadas aos prontuários policiais do Deops de São Paulo – marcadas, em sua maioria, por uma poética crítica e pelos sentimentos do eu social. A maioria desses textos foi escrita por partidários e simpatizantes do comunismo, do anarquismo e do antifascismo. Esse estilo de arte – adotado por esses poetas da revolução –, composto por desabafos, sufocos, lamentos e gritos, transformou-se em instrumento de luta social e política.

Segundo a lógica policial, de uma maneira geral, o comunismo era uma “ideologia exótica” trazida por estrangeiros dedicados a subverter a ordem social usando a violência. O tratamento dado pelas autoridades policiais aos poetas era especial, ou seja, eram avaliados como subversivos e, como tais, deveriam ser submetidos a um saneamento ideológico. Procurava-se “purificar” a sociedade, impedindo-os de colocar em circulação a ideia de revolução disfarçada de poemas “inocentes”.

Por sua força de “criar distúrbios entre os trabalhadores”, a poesia foi usada nas décadas de 1920 a 1950 para emocionar e persuadir aqueles que se mostravam omissos à dura realidade social. Adotada tanto por comunistas como por anarquistas, transformou-se em arma para a “catequese” e a “conversão” política. Por outro lado, tornou-se também prova de crime político, expressão do ato de subversão e testemunhos de rebeldia, quando confiscada em meio a outros documentos comprometedores.

Nomes como Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Graciliano Ramos, Jorge Amado e José Lins do Rego são conhecidos por sua produção literária.

5 CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros Proibidos, Idéias Malditas*. op. cit., p. 14.

SANTOS, 24 DE JANEIRO DE 1934.

DEUS...

Si tu existes, porque és tyrano!
Fazendo a injustiça cá na térra,
Si tu és o todo omnipotente
Porque ha tanta fome, miserias e tantas guérras?

II

Si tu és o creador deste **Universo**,
Desta belleza que se estende até o infinito,
Porque a vida é cheia de tristezas
E o mundo um eterno cháos maldito!

III

Si a tua bondade é muito illimitada,
Que abarca a todos sem nenhuma distincção,
Porque nos corações o odio impéra
Porque na térra é tudo maldição!

IV

Teu coração é muito vingativo,
Tua bondade uma eterna illusão,
Tu não passas de um fantòche vil
Eu não te creio oh! não!

V

Tu não passas de uma grande phantazia,
Nas mãos de alguns espertos chantagistas,
Que só te vendem aos pobres inconscientes
A grosso e a retalho, mais sempre a ouro a vista.

MAURICIO

Mas, pouco se sabe daqueles que, por meio de seus versos, fizeram literatura política na clandestinidade. Refiro-me àquelas poesias apreendidas e anexadas aos prontuários desses “artistas e poetas rebeldes, anônimos” que, durante décadas, ficaram esquecidas. Poesias que, por sua vez, fazem parte da história política e da literatura brasileiras, expressando a mentalidade dos poetas do povo. Insistimos na ideia de pesquisar esses documentos, pois eles podem trazer à luz a memória de uma época em que a arte foi ora patrocinada pelo governo, ora “amordaçada” pelos censores oficiais.

A ação da Polícia Política na cidade de São Paulo, prevenindo e repreendendo os grupos indesejáveis, apresentava-se como uma necessidade emergente: a de “conhecer e mapear a sociedade sobre a qual se clava sua ação”⁶. O controle e a repressão aos cidadãos engajados em projetos “incompatíveis para a manutenção da ordem nacional” se deram por meio de práticas violentas e ilegais, como a tortura, o cárcere privado e a execução sumária. Pela ação sistemática de controle, procurava-se preservar os privilégios das elites e dissolver as manifestações de resistência. Em busca de indícios de rebeldia, a polícia dirigiu seu olhar para os poetas e suas poesias, amordaçando a criatividade daqueles que, por meio de seus versos, procuravam “fazer” a revolução.

A excomunhão de Roithmann, o poeta herege

O perigo político da poesia subversiva pode ser observado por meio da resistência de escritores, literatos e poetas anônimos. No prontuário de Moysés Roithmann⁷ encontramos textos em prosa e verso de sua autoria que lhe garantiram a alcunha de “poeta herege”, “um jovem antiguerra”, “um excomungado”, assinados como Maurício Roithmann. O fato de nenhum escrito ter sido assinado pelo prontuariado leva-nos a questionar se Moysés seria apenas um leitor ou se utilizava o pseudônimo “Maurício Roithmann” para burlar o aparato repressivo do Estado. Essa suspeita é legítima quando se trata do submundo da subversão, em que as relações se faziam pelos “nomes de guerra” com o objetivo de efetivar as missões, defender o ideal em causa, proteger os “camaradas” envolvidos e a própria pele⁸.

6 *Secretaria de Estado da Justiça. Deops – A Lógica da Desconfiança*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado, 1996, p. 30.

7 *Pront. n.º 3.181, Moysés Roithmann*. Deops/SP. Apesp. Ressaltamos que, na base de dados do Proin, não há nenhum Maurício Roithmann, induzindo-nos a sustentar que Moysés empregava o pseudônimo Maurício. Ver site Proin: www.proin.usp.br

8 Ver CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. “Trilogia dos estigmas”. In: *Não Olhe nos Olhos do Inimigo*. Olga Benário – Anne Frank. São Paulo: Paz e Terra, 1995, pp. 39-50.

Na ficha de identificação policial de Moysés não há informações pessoais. Entretanto, um informe manuscrito anexado ao prontuário nos ajuda a esclarecer algumas questões a seu respeito⁹. Segundo Constantino Silva, delegado de plantão da delegacia, Moysés Roithmann foi preso juntamente com Seraphin Rodrigues e Marcos dos Santos no Largo da Sé, sob a acusação de serem agitadores, pois foram encontrados vários papéis datilografados que faziam referências ao comunismo. Suas poesias e prosas se valem de elementos anticlericais e comunistas. *O Profeta de Jerusalém* trata, em estrofes, da figura de Cristo afirmando que os ensinamentos de Jesus haviam sido adulterados pelos clérigos católicos. As estrofes V e VI nos elucidam a postura de Moysés Roithmann:

*Quisera tu oh! Cristo só um dia,
Ressuscitar e ver toda a hipocrisia
Que em teu nome teus apóstolos praticam
Nas negras e suspeitas sacristias...*

*Certamente cairias horrorizado
De ver tanta mentira, de ver tanta baixeza
Nesses teus nobres tonsurados
Que fazem de bordel a santa Madre Igreja¹⁰.*

O humor sarcástico e a crítica ferina do autor são a marca desse “poeta herege” quando usa, por exemplo, adjetivos como “papa obeso”, “Cristo roto e imundo”, “nojentos e sórdidos farsantes” e “negras e suspeitas sacristias”. O autor ainda vai mais longe ao assegurar que se Cristo ressuscitasse, não só enlouqueceria quando visse toda a hipocrisia e mentira da “Santa Madre Igreja”, como fugiria igual o diabo da cruz.

Outro poema, seguindo essa mesma abordagem crítica, foi escrito na cidade de Santos (SP), em 5 de setembro de 1933. O Leitão da Comadre narra a procura da comadre por seu leitão e a justificativa do padre quando a mulher reivindica sua “propriedade privada”:

⁹ Informe do delegado de plantão do Gabinete de Investigações da Polícia de São Paulo ao Sr. Dr. Delegado de Polícia da Delegacia de Ordem Social. São Paulo, 2 out. 1934. Doc. 10, Fl. 12. *Pront. n.º 3.181, Moysés Roithmann*. Deops/SP. Apesp.

¹⁰ *O profeta de Jerusalém. Poesia do “poeta herege”*. *Pront. n.º 3.181, Moysés Roithmann*. Deops/SP. Apesp.

*A comadre furiosa grita a toda canalhada:
Este leitão é meu, é propriedade privada*

*Assim pegados em flagrante,
Os bandidos dos padrecas
Murmuraram bem baixinho:
Esta foi-nos na careca.*

*E afetando serenidade,
Disseram a Dona Comadre:
Este leitão é seu?
Pois é de Deus e é do padre¹¹.*

“Canalhada” e “padrecas” são derivações que maculam não só o clero, aqui representantes da Santa Sé, mas a própria imagem institucional da Igreja Católica que, por sua vez, discursava em nome da fé católica e se auto-retratava como justa, sagrada e defensora da pátria e da família. Era o conteúdo anticlerical dos versos que lhes autenticava o caráter “subversivo e criminoso”, segundo a lógica da Polícia Política varguista. Cabe ressaltarmos que, na década de 1930, o governo de Vargas e a Igreja Católica estabeleceram uma simbiose de interesses políticos. Segundo a historiadora Maria das Graças Ataíde de Almeida, o pacto temporal-religioso no Brasil se legitimou pela convergência de interesses e do inimigo comum. A seu ver, o Estado “tinha para si a incumbência de resolver os problemas do operariado, o qual se torna a “menina dos olhos” de Getúlio Vargas. Os comunistas são eleitos como o inimigo objetivo do Estado (...), e para destruir este inimigo, a Igreja oferecia ao Estado seu discurso catequético, o qual apontava os comunistas como inimigos da religião, da família e da pátria”¹².

A Encíclica *Divini Redemptoris* (1937), mais conhecida como *Sobre o Comunismo*, evidenciava a preocupação de Roma com o catolicismo nas Américas e a abominação católica em relação ao comunismo. Nesta, o papa Pio XI (1922-1939) fazia advertências contra as táticas de desinformação empreendidas pelos

¹¹ O leitão da comadre. Poesia do “poeta excomungado”. Pront. n° 3181, Moysés Roithmann. Deops/SP. Apesp.

¹² ALMEIDA, Maria das Graças de. “A recristianização da política: pactos e tramas entre o Estado e a Igreja no Brasil (1937-1945)”. In: *Revista de História das Idéias*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, n° 23, em 15 fev. 2002, p. 576.

comunistas soviéticos e alertava para a infiltração dos comunistas nas associações e publicações católicas, com o fim de espalhar seus erros. Pio XI afirmava que o comunismo se esforçava para aliciar as multidões, enganando-as de várias formas ao esconder os seus reais propósitos por trás de ideias que, em si mesmas, eram boas e atraentes. Ainda prossegue assegurando que “os comunistas estimulavam a luta de classes, cuja consequência é o derramamento de rios de sangue e não a garantia da paz interna. Os comunistas tentam, perfidamente, cavar seus túneis por entre os que professam a fé católica e entre as organizações religiosas”¹³. A Igreja, pautada nessa Encíclica, alertava os “irmãos fiéis” para que não se deixassem enganar, pois o comunismo era intrinsecamente um erro e ninguém salvaria a civilização cristã colaborando ou se comprometendo com o “credo vermelho”¹⁴.

Com isso, podemos supor por qual razão as poesias confiscadas de Moysés Roithmann foram consideradas “prova de crime político” pelas autoridades do Deops de São Paulo. Nesse caso, o crime, além de político, era também de transgressão contra a fé católica e, conseqüentemente, contra a Igreja Católica. Uma das rimas mais críticas se encontra em *O que É o Padre*, datada de 3 de junho de 1932, cujos versos são incisivos contra a imagem dos clérigos:

O que é o padre

I

*Padre é bicho danado,
Não é preciso falar,
É uma raça desgraçada
Que é preciso acabar*

II

*É um parasita social
Que não sabe o que é o trabalho,
Vivendo de missas e santos
Que vende a grosso e a retalho*

¹³ *Idem.*

¹⁴ *Idem.*

III

*Com o ventre barrigudo,
De tanto aço entorna,
Leva vida folgada
E ainda vive a reclamar*

IV

*Mastiga o ouro das beatas,
E os gordos leitões da comadre,
Bancando cara de santo
Assim vive o padre*

V

*Mas é preciso compreender
Que o banquete está a findar,
Prepare as costas Sr. padre
Que as Docas está a precisar.
Ass.: poeta excomungado¹⁵.*

O teor crítico dessa poesia se alicerça nas acusações que o autor faz contra a ociosidade, aqui com conotação de vagabundagem. O “poeta excomungado” delinea ameaças ao dizer que “o banquete está a findar” e “prepare as costas Sr. padre”. Fica evidente a postura subversiva e o sentimento de revolta do autor que prosseguiu no seu cantar, com variações. Outras duas poesias assinadas por Maurício Roithmann fogem, de certa forma, das características analisadas nas anteriores. Constatamos que há um desconcerto com o mundo¹⁶, pois o poeta desabafa suas angústias e sua dor. Em *Consultando a Natureza*, de 27 de março de 1932, o poeta questiona o sofrimento que o persegue e suplica por uma resposta [note-se bem] “da Natureza” e não propriamente de Deus:

¹⁵ *O que é o padre. Poesia do “poeta excomungado”. Pront. n° 3.181, Moisés Roithmann. Deops/SP. Apesp.*

¹⁶ Expressão e título de um estudo de Carlos Felipe Moisés, em que aborda vários poetas e obras desde a Renascença até o Surrealismo e no qual “o desconcerto do mundo” é o elo identificador de semelhanças e características dos poetas numa visão diacrônica. In: MOISÉS, Carlos Felipe. *O Desconcerto do Mundo: da Renascença ao Surrealismo*. São Paulo: Escrituras, 2001.

SANTOS, 5 DE SETEMBRO DE 1933.

Doc. No. 5
PROMPT 3181
DATA 5/9/933

O LEITÃO DA COMADRE

I

Perguntando por um leitão,
A comadre alto braçava,
A todos os de sua casa
Se não sabiam onde estava.

II

As respósta eram negativas,
Ninguem sabia bem certo,
Si o leitão estava já longe
Ou se estava muito perto.

III

O Juquinha um maroto safado,
Muito alegre e muito esperto,
Gritava a todos contente
Deve estar com Frei Alberto.

IV

E todos correram ao muro,
Da vizinha padralhada,
E eis que vêem o leitão
Numa meza já em salada.

V

A comadre furiosa, grita a toda canalhada:
Este leitão é meu, é propriedade privada.

VI

Assim pegados em flagrante,
Os bandidos dos padrecas,
Murmuraram bem baixinho:
Esta foi-nos na caréca.

VII

E affectando serenidade,
Disseram a Dna. comadre:
Este leitão é seu?
Pois é de Deus e é do padre.

POETA EXCOMMUNGADO

Amor! Alegria! Felicidade!
Mostra-me onde está
Porque este sofrimento
Eu quero terminar.

Em seguida, o autor coloca as rimas na “boca da Natureza”, que segue respondendo as críticas:

Meu filho, não me interrogues
Não adianta teimar
A felicidade está perto
É preciso procurar

Quem quer ser feliz na vida
Tem que ser ajuizado!
Porque os preceitos de Deus
São sempre venerados¹⁷.

A curiosa passagem “Quem quer ser feliz na vida/Tem que ser ajuizado” demonstra certo desatino e culpa por parte do autor, o questionamento do eu interior da dor, da busca de felicidade; porém, também resgata o eu social, que não tem juízo, não respeita os preceitos de Deus e, nesse momento histórico, emerge representado pela Igreja Católica. Sobre a posição do poeta em relação a Deus, a poesia *Deus...* a elucida de maneira mais eficiente. Escrito dois anos após *Consultando a Natureza*, o texto expressa a incredulidade do poeta, sua sublevação contra Deus e seu veneno, novamente contra os clérigos:

I
Se tu existes, por que és tirano
Fazendo a injustiça cá na Terra?
Se tu és o todo onipotente
Por que há tanta fome, misérias e tantas guerras?¹⁸

17 *Consultando a Natureza. Poesia de “Maurício”. Pront. n.º 3.181, Moysés Roithmann. Deops/SP. Apesp.*

18 *Deus... Poesia de “Maurício”. Cópia datilografada. Pront.. n.º 3.181, Moysés Roithmann. Deops/SP. Apesp.*

Esse desconcerto do poeta com o mundo se mostra nas passagens em que Deus é responsabilizado pelas injustiças sociais e pelos sofrimentos humanos, sentimento em convulsão que, na maioria das vezes, envolve e inspira a reflexão dos poetas. Cabe lembrar então que esse tipo de “desabafo” sempre foi interpretado, em distintos momentos da história universal, como contrário à ordem social pelo fato de incitar a emoção dos leitores, tornando-se instrumento sedicioso capaz de fazer eclodir uma conflagração.

O poeta assume seu ateísmo, avaliado pela Encíclica Católica *Divini Redemptoris* como um “erro comunista”. A prova estava nos versos que insultavam diretamente o clero católico, acusando-o de vender Deus a grosso e retalho:

IV

*Teu coração é muito vingativo
Tua bondade uma eterna ilusão
Tu não passas de um fantoche vil
Eu não te creio, oh! Não!*

V

*Tu não passas de uma grande fantasia
Nas mãos de alguns espertos chantagistas
Que só te vendem aos pobres inconscientes
A grosso e a retalho, mais sempre a ouro a vista
Ass.: Maurício Roithmann¹⁹*

O comunismo e o sentimento anticlerical se apresentam como sendo as características marcantes da prosa do autor. Em *O que é a Igreja na Realidade*, o “excomungado” desacredita o seu espaço físico (templo) e as autoridades, os clérigos. “Ela representa, é verdade, uma coisa bem baixa, bem nojenta e bem horripilante”. Essa frase é elucidativa no que tange ao vocabulário, principalmente às adjetivações, empregado pelo poeta. Redigida em Santos, em 7 de outubro de 1934, a prosa afirma que a “Igreja é a pior Casa e vício, a pior tavolagem e o pior bordel”, e “os que estão acostumados a encarar as coisas no seu aspecto externo,

¹⁹ *Idem.*

pouco sabem dessas coisas”²⁰. O autor alerta para a necessidade de reflexão não apenas se conformando com aspectos externos; precisava-se pensar além, ou seja, ser crítico ao se referir à postura da Igreja Católica.

Ao se reportar aos clérigos – apresentados como “comerciantes da figura de Cristo” –, o sarcasmo é ardente e áspero. Nas palavras do poeta, que assina como “um excomungado” “obedecendo à direção dos famintos saias negras, que com preces, sermões, missas, procissões, atraem os incautos para lá, para oferecerem-lhes a sua ótima mercadoria”. O autor termina seu escrito questionando a herança deixada por tal instituição: “Qual foi o benefício que a Igreja proporcionou até hoje? “*Nenhum!*”, responde. “A sua obra até hoje tem sido a devastação!”. E, com uma última frase, convoca o leitor para a ação: “Guerra ao Vaticano! Guerra à padralhada infame! Antes que eles nos engulam, enguliremo-los primeiro”²¹. Dessa forma, o poeta fez por merecer o rótulo de “revolucionário” e “herege” a ser duplamente excomungado pelo poder.

Para a instituição católica, somente o catolicismo representava a verdadeira fé. Às outras crenças era reservado o título de heresia cunhada pela mentira e pelo pior dos crimes: a pecha de ligação com os bolchevistas. Ressalto que, segundo a Igreja, esse tipo de ataque era indissociável ao pecado contra a fé. Construiu-se, durante séculos, um imaginário coletivo de que o paradigma da Igreja era um exemplo de ordem e de paz mundiais²².

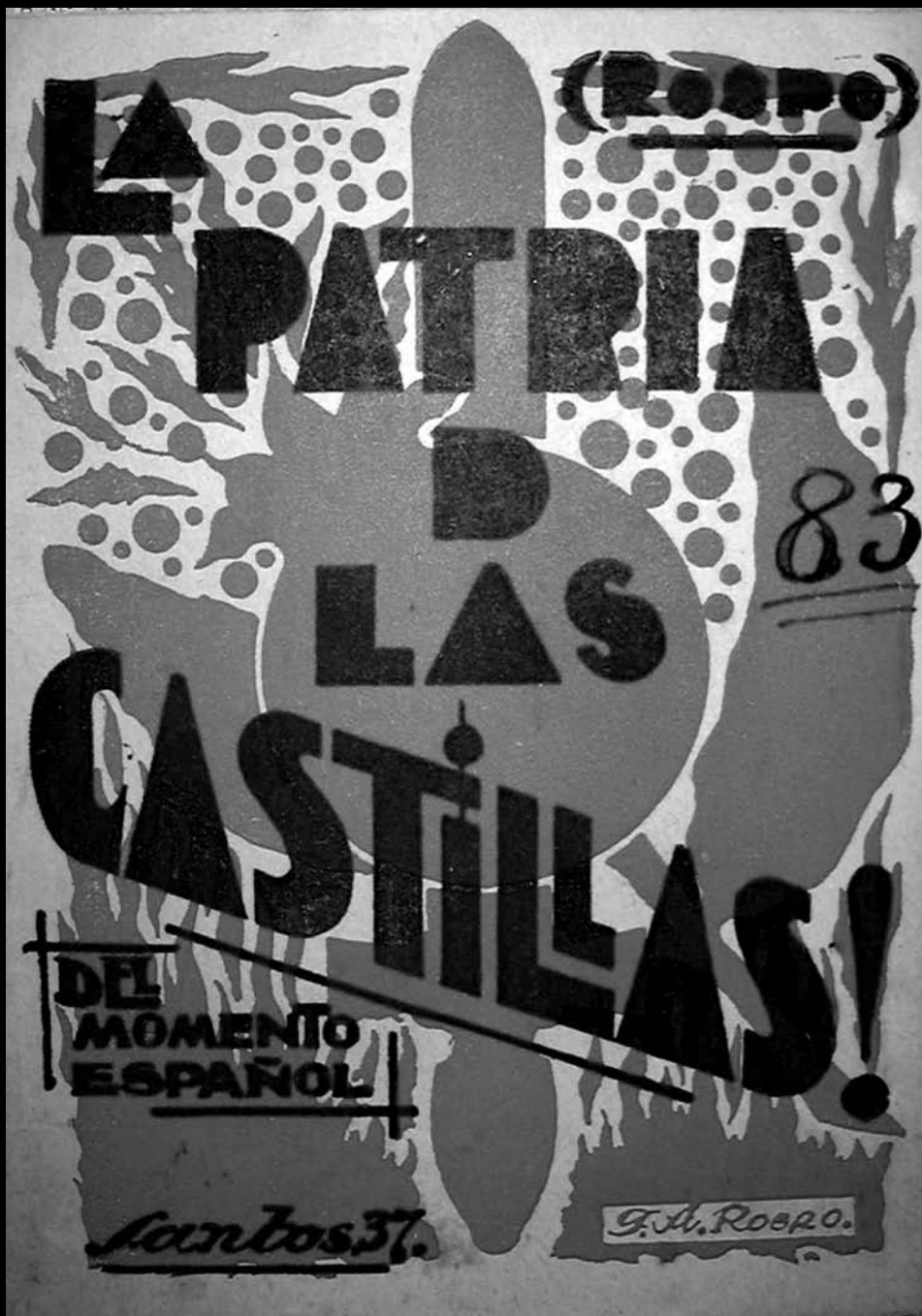
Seguindo a análise das prosas redigidas por Moysés, observamos que *Abaixo a guerra* distinguiu-se por certas particularidades centradas no desacordo do autor frente à guerra. O título, por si só, sob a lógica da Polícia Política de São Paulo, já era uma prova, pois o poeta aclamava a maior parte dos “cidadãos” a não compactuar com a guerra²³. A prosa elucida o desemprego, a miséria, as greves, as lutas de classes e as questões políticas como sendo os últimos fragmentos do mundo burguês em vias de decomposição. Com grande sentimentalismo desesperador, afirma que um profundo temor domina todas as almas, mostrando-lhes o gigante abismo que se aproxima.

20 *O que é a Igreja na Realidade. Prosa de “um excomungado”*. Pront. n° 3.181, Moysés Roithmann. Deops/SP. Apesp.

21 *Idem*.

22 ALMEIDA, Maria das Graças de. *op. cit.*, p. 584.

23 Um jovem antiguerra, prosa *Um apelo a nossa mocidade, mães, irmãs, noivas, operários, estudantes, soldados, marinheiros, e a todos os que lutam contra a influência nefasta da guerra*. Pront. n° 3.181, Moysés Roithmann. Deops/SP. Apesp.



La Patria de las Castillas (capa de Rospo). São Paulo, s/d. Pront. 747, Federação Hespânica. Deops/SP. Aesp.

A metáfora adotada em “o Dragão incandescente, que em 1914 vomitava lavas de fogo, ainda não jaz esquecido por todos aqueles que temem a sua baba felina”²⁴ demonstra que não só as instituições criam mitos e símbolos, como também estes se tornam instrumentos de articulação dos subversivos. Encharcada de dor, a prosa tenta convencer a população, pela emoção, a não tolerar a defesa da necessidade da guerra. Essas passagens ilustram a posição rebelde do autor: “os estertores dolorosos daquela mocidade robusta e heróica, que tombou nos campos de batalha, ainda dilaceram todos os corações” e “essa mão negra e sangrenta ameaça estrangular, de uma só vez, a geração moça de nossa época. Os corações de todas as mães, de todas as irmãs, de todas as noivas e de todas as mulheres desfazem-se em pranto e sangue (...)”²⁵.

Ao apelar: “Jovens! Marinheiros! Operários! Negais apoio à guerra!”, critica a guerra pois ela é um benefício para as classes dominantes que garantem sua estabilidade nas “gotas de vosso sangue”, privilegiando “uma minoria parasita e exploradora”. Envoltos pela dramaticidade, o autor afirma que essa minoria, descontente com as torturas e com os massacres que infligem a coletividade, ainda tenta retalhar as suas carnes a rajadas de metralhadoras. Incisivo contra o capitalismo, o autor dá ênfase ao patriotismo a ser incutido ao povo:

A guerra é um pretexto do capitalismo que, vendo seus pilares tremem, incute o patriotismo ao povo, para o levar aos campos de chacina dizendo combater estrangeiros, assim para desvirtuar a sua verdadeira finalidade. A guerra é uma tática dos ambiciosos que pretendem dirigir as rédeas do Universo, na carne de seus soldados. Combatamos com toda energia e coragem a guerra, e assim seremos os verdadeiros patriotas²⁶.

Nesse aspecto, tanto o Estado como a Igreja têm seus discursos. Segundo a autora Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida²⁷, a Igreja convocava os católicos a entregarem suas vidas e a lutarem contra o inimigo identificado.

²⁴ *Idem.*

²⁵ *Idem.*

²⁶ Um jovem antiguerra. *Um apelo a nossa mocidade, mães, irmãs, noivas, operários, estudantes, soldados, marinheiros, e a todos os que lutam contra a influência nefasta da guerra. Pront. n° 3.181, Moysés Roithmann. Deops/SP. Apesp.*

²⁷ ALMEIDA, Maria das Graças de. *op. cit.*, p. 583.

Enfatizava, nos anos de 1930, que o Brasil “sovietizado” seria mil vezes mais desgraçado do que a própria infeliz Rússia. Enfim, proclamava uma verdadeira “guerra santa” contra os comunistas que, segundo a elite intelectual católica, consagrava os brasileiros como patriotas.

Mulher, judia, comunista... e poetisa

Haydeé Nicolussi²⁸ foi, além de professora, jornalista, intelectual, comunista e mulher, poetisa. Apesar de ter nascido no estado do Espírito Santo, Haydeé morou na Rua Anhaia, 24, no bairro do Bom Retiro, em meados dos anos 1930. Atuando na cidade de São Paulo, aos 26 anos a poetisa foi acusada de propagar ideias extremistas por meio de seus escritos sediciosos. Vários documentos assinados por ela, que atestavam sua postura comunista de propagandista política, foram anexados ao seu prontuário. Antes de analisarmos a prosa e a poesia de Haydeé, vale elucidar alguns estigmas que acompanharam as mulheres dessa época. Em seu artigo “Trilogia dos estigmas”, Tucci Carneiro esclarece como era construída, dentro da lógica da Polícia Política, a “periculosidade” dessas mulheres judias e comunistas²⁹. Dois aspectos são importantes para compreendermos os estigmas contra estas mulheres acusadas de crime político. Tanto as prosas e as poesias, como as próprias personagens de Haydeé Nicolussi, são exemplos apropriados para refletirmos sobre a intolerância no Brasil. Em primeiro lugar, estas ativistas fugiam do *modelo de mulher* de “uma esposa submissa, dona de casa prendada, mãe exemplar e católica”³⁰, almejado pelo governo autoritário de Vargas. Em segundo lugar, o discurso da Igreja Católica procurava cooptar as mulheres para a vida pública, sendo orientadas a restaurar e defender os ensinamentos católicos.

Desde o final do século XIX, as mulheres eram vigiadas pela polícia, que lhes reservava um tratamento diferenciado dos homens: criminosas ou transgressoras do moral e da ordem pública. Eram identificadas por suas ideias e comportamentos desviantes. No caso de Nicolussi, o crime político foi “comprovado” por

28 *Pront. n.º 1.494, Haydeé Nicolussi*. Deops/SP. Apesp.

29 CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. “Trilogia dos estigmas”. In: *Não Olhe nos Olhos do Inimigo*. Olga Benário – Anne Frank. São Paulo: Paz e Terra, 1995, pp. 39-50.

30 CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Ibidem*, p. 41.

seus escritos e por sua criatividade. Ser artista, poeta ou intelectual significava perigo. “Fazer arte”, em alguns casos, era o mesmo que pecar contra um dogma instituído. Em sua prosa *Profissionais da renúncia*, Haydeé questiona a dificuldade em combater a religião devido ao profissionalismo que a mesma apresenta, muito mais do que pelo derivativo de divina. A autora acusa a Igreja Católica de pregar a renúncia do clero, apenas para “estender as garras a outras formas de compensação no jogo de riquezas e vaidades humanas”³¹.

A crítica venenosa que Haydeé faz à Igreja Católica ao longo de toda sua reflexão não é apenas considerada como um desatino e um mero pecado. Era muito mais: a prova do quanto esta mulher se fazia perigosa aos objetivos da Santa Sé e à manutenção da ordem social defendida pelo Estado e pela Igreja Católica. Ambas as instituições, a partir da década de 1930, assumiam uma postura de defesa similar identificadas por interesses comuns: controlar as massas e banir ideologias exóticas. O texto continua com interrogações direcionadas ao leitor: “Quem é que sustenta a fome e a miséria (...) à custa de esmolas animalizadoras do caráter humano? Quem é que sustenta o pecado à custa de perdões? Quem é que sustenta a vaidade à custa de ofícios eclesiásticos espetaculosos? A religião”³². O jogo de palavras com “sustenta o pecado”, “sustenta a fome e a miséria” é tanto enfático e persuasivo como frio e dramático. A intenção da autora, possivelmente, era de, por meio da argumentação e da persuasão, despertar a crítica e o sentimento de revolta do leitor. Vale dizer que esta sedição se volta, segundo o texto, à luta de dois grupos determinados. Nas palavras da autora, a Igreja apoiou “o vício e os crimes das altas classes sociais contra os humildes de que se fez de orientadíssima defensora”³³.

Há uma passagem interessante na qual Haydeé escreve Trabalho, com ‘t’ maiúsculo, o que denota a concepção de universalismo que o mesmo representava. Aqui, Trabalho era evocado como a forma mais justa de “ganhar seu pão”, sem ninguém usufruir o suor alheio nem “comer o pão amassado” pelos espoliadores burgueses. Prossegue, difamando os clérigos da Igreja de Cristo ao chamá-los de “cambistas” e “vendilhões”. Afirma que a Igreja que Cristo sonhou estava dissociada das regalias de classe. Sarcástica, a autora continua acusando a Igreja de “matar a fome dos seus moradores com missas pelos defuntos, batizados e

31 *Profissionais da Renúncia, prosa de Haydeé Nicolussi* (manuscrito). São Paulo, s/d. Fl. 1-9, *Pront. nº 1.494, Haydeé Nicolussi*. Deops/SP. Apep.

32 *Idem*.

33 *Idem*.

casórios” e conclui que, ainda, tinha esperanças de ver os monges espontâneos se isolando na Igreja de Cristo, cultivando hortaliças e comendo tranquilamente (...) com arroz sem precisar iludir a humanidade à custa de deuses de ouro e de prata nem de báculos carregados de pedras preciosas³⁴.

Percebemos, a partir dos versos, que a circulação de tais ideias incomodava as autoridades policiais e católicas que almejavam uma massa submissa e ordeira. A Igreja era sua grande aliada nesse projeto de acabar com os eventuais focos e sentimentos de revolta.

A poesia sem título, de autoria de Nicolussi, foi publicada no jornal *Suplemento Feminino*³⁵, em 23 de junho de 1940. Apesar dos versos não fomentarem causas sociais, manifestavam os anseios da mulher e destacavam o desejo feminino de encontrar um amor recíproco.

*E quando ele vier
Que seja forte e bom porque eu sou frágil
E saiba amar a ciência, a lógica, a firmeza
Porque eu sou toda angústia, indecisão, ansiedade*

*E quando ele vier
Que tenha o dom do perdão como eu perdoou a quem erra
Para que em nosso futuro nunca pese o passado
E ele possa plantar seu nome em meu destino
Como raízes generosas em um terreno fecundo
Onde o mal se dissolveu na dor que foi pecado.*

*E quando ele vier
Que saiba ver além das cores e das formas
Para sondar em minhas fibras a gênese sufocada que eu sou
E amante me reencontre cada noite como noiva diversa em seu leito
E pai, por amor a sua carne, em mim adore a mãe de seu filho!*

³⁴ *Profissionais da Renúncia, prosa de Haydeé Nicolussi* (manuscrito). São Paulo, s/d. Fl. 1-9. *Pront. n° 1.494, Haydeé Nicolussi*. Deops/SP. Apesp.

³⁵ Poesia [sem título] de Haydeé Nicolussi publicada no jornal *Suplemento Feminino*, São Paulo, 23 jun. 1940, *Pront. n° 1.494, Haydeé Nicolussi*. Deops/SP. Apesp.

Nesse texto, Nicolussi manifesta a fragilidade que sente como mulher e a necessidade de encontrar no homem as virtudes que lhe faltam. Não observamos o anseio pela igualdade, já que a poesia evidencia a antítese como elo das características masculinas e femininas de maneira complementárias. Apenas no verso “que tenha o dom do perdão como eu perdoe a quem erra” notamos um sensível desejo igualitário de caráter e personalidade.

Mas, por que essa poesia foi confiscada, já que não expressava uma tentativa de persuasão social? Acreditamos que o perigo não está propriamente no seu conteúdo, e sim no público leitor do *Suplemento Feminino*. A fragilidade da mulher frente ao amor do homem que ainda virá expressa o poder das rimas em transmitir a sensibilidade do tema e a capacidade da poetisa em articular as palavras de forma a seduzir o leitor pela sua “meiguice” e personalidade nada ameaçadora.

Instituições leitoras, estrangeiras e subversivas

Dezenas de poesias e prosas sediciosas, muitas ainda inéditas, podem ser lidas junto aos prontuários Deops/SP. Confiscadas em meio à papelada de um sindicato, de uma federação estrangeira ou de uma escola, cada uma delas voltava-se para seus leitores específicos. Entre estas, citamos uma em especial: a União do Sindicato dos Operários em Fábricas de Vidros³⁶, uma instituição sindical muito atuante em São Paulo que se valeu da poesia *Filhos do Povo* para convidar os trabalhadores a uma confraternização operária. Datado de 14 de novembro de 1931, o texto versa sobre a exploração do trabalho e denuncia a luta de classes entre proletários e burguesia:

Filhos do povo

*Filhos do Povo te oprimem algemas
Essa injustiça não pode mais ser
Se tua existência é um mundo de pena
Antes escravo prefere morrer*

36 Pront. n° 996, *União do Sindicato dos Operários em Fábricas de Vidros*. Deops/SP. Apesp.

Registo Geral Numero



Photographia tirada no mez de _____ de 193

Nome: HAYDÉE NICOLUSSI

Vulgo:

QUALIFICAÇÃO

MARCAS PARTICULARES

Filho de João Nicolussi
e de Francisca Nicolussi
Nacionalidade: Brasileira
Naturalidade: Espírito Santo
Localidade: Alfredo Chaves
Edade 26 annos
Estado civil: solteira
Profissão atual: Professora
Sabe lêr e escrever? sim

Residencia atual:

Residencias anteriores: Rua Anhaia 24 Bom Retiro

Nomes das pessoas que o conhecem e as respectivas residencias:

Nomes dos inspectores que o conhecem:

*Esses burgueses assaz egoístas
Que assim desprezam da humanidade
Serão pelos anarquistas
Ao brado viril da liberdade.*

*Ah!
Rubro pendão
Abre o porvir
A exploração
Há de sucumbir
Nosso pavez
Não romperás
Torpe burguês
Atrás! Atrás!*

*Os corações obreiros que batem
Por nossa causa felizes serão
Se entusiasmados e unidos combatem
Dessa vitória os louros obterão.
Os proletários à burguesia
Devem tratá-la com altivez
E combatê-la também a porfia
Por sua malvada estupidez*

*Ah!
Rubro pendão
Abre o porvir
A exploração
Há de sucumbir
Nosso pavez
Não romperás*

Torpe burguês
*Atrás! Atrás!*³⁷

Essa versão portuguesa assinada por Arsenio Palaos caracteriza-se por suas “rimas anarquistas”. Ainda que existam termos como “filhos do povo”, “prefere morrer”, “corações obreiros”, não há aquele sentimentalismo exacerbado. São versos que procuram relatar a luta de classes e a necessidade de se colocar um fim nessa exploração.

De caráter revolucionário, os versos de Palaos não recorrem à dramaticidade incessante detectada nas rimas de Haydeé e Roithmann, por exemplo. No entanto, devem ser compreendidos no contexto histórico do seu tempo. Nessa época, a política trabalhista passou por várias fases, mas desde logo se apresentou como inovadora, principalmente pelo fato de priorizar o controle da classe trabalhadora difusa e atraí-la para o apoio governamental. Uma das ações do governo foi reprimir partidos e organizações de esquerda, especialmente o PCB. A discussão trabalhista era pautada dentro de uma política governamental específica iniciada com a criação, em novembro de 1930, do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Pelo decreto de março de 1931, o sindicato era definido como órgão consultivo e de colaboração com o poder político, sendo esvaziado de qualquer função política. Segundo Boris Fausto, “a legalidade de um sindicato dependia do reconhecimento ministerial e este poderia ser cassado quando se verificasse o não cumprimento de uma série de normas”³⁸.

Desde o momento em que Vargas assumiu o poder, percebeu-se a preocupação do Estado em domesticar as massas trabalhadoras. Intensificaram-se as características autoritárias, porém eram camufladas até o golpe de 1937. Podemos considerar que a poesia “Filhos do povo”, confiscada da União do Sindicato dos Operários em Fábricas de Vidros, era “perigosa” por falar aos operários valendo-se de conteúdo explicitamente anarquista e num tom pouco “ordeiro”. Indubitavelmente, fugia às intenções das elites republicanas interessadas em combater qualquer desvio social ou político.

O anarquismo sempre foi interpretado como uma ameaça ao governo e abominado pelo fato de ser contra o artificialismo da sociedade e do Estado.

37 Poesia *Filhos do Povo*, versão portuguesa assinada por Arsenio Palaos. *Pront. nº 996, União do Sindicato dos Operários em Fábricas de Vidros*. Deops/SP. Apesp.

38 FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial, 2001, p. 187.

Propunha um retorno à vida em comunidade autogovernada, sem a menor hierarquia e sem nenhuma autoridade com poder de mando e direção. O verso “Ao brado viril da liberdade” ressalta, segundo o ideário libertário, que a liberdade deveria ser defendida como um dos grandes valores da humanidade; o outro, mais denso, era a responsabilidade da sociedade numa participação direta de todos nas decisões da comunidade³⁹. Os anarquistas iam ainda mais longe, atribuindo a origem da sociedade à propriedade privada e à exploração do trabalho, e a origem do Estado ao poder dos mais fortes sobre os mais fracos. Quanto a esta questão, a crítica poética não perdoa a exploração burguesa:

Ah!

Rubro pendão

Abre o porvir

A exploração

Há de sucumbir

Nosso pavez

Não romperás

Torpe burguês

*Atrás! Atrás!*⁴⁰

Junto à sede da Federação Hespânica⁴¹, com sede à Rua do Gasômetro, 49, em São Paulo, além de boletins informativos sobre o movimento sindical internacional e atas de reuniões sobre congressos trabalhistas, grevistas e eventos culturais, foram encontrados exemplares do livro de poesia *La Patria de las Castillas!*, assinado apenas por Rospo⁴² e redigido em espanhol. Segundo a Polícia Política, a Federação se agrupava em diversos centros e comitês de propaganda, onde era desenvolvida atividade subversiva em prol do ideal comunista, contrária à ordem nacional⁴³. Do livro de Rospo, selecionamos duas ricas poesias para análise: uma referente à

39 Segundo Marilena Chauí, “o ponto de partida é a crítica do individualismo burguês e do Estado liberal, considerado autoritário e antinatural”. CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2002, p. 408.

40 *Filhos do Povo*. *op. cit.*

41 *Pront. n° 747, Federação Hespânica*. Deops/SP. Apesp.

42 Auto de verificação e apreensão, Delegacia de Ordem Social. São Paulo, 27 nov. 1937. *Pront. n° 747, Federação Hespânica*. Deops/SP. Apesp.

43 Pedido do Delegado de Ordem Social para fechar as organizações estrangeiras. São Paulo, 18 nov. 1937. *Pront. n° 747, Federação Hespânica*. Deops/SP. Apesp.

PAULO TORRES

Luca

**P O E M A S
P R O L E T A R I O S**



915
5p

EMPRESA EDITORA UNITAS

Poemas Proletários, de Paulo Torres, São Paulo. Empresa Editora Unitas, 1931. Coleção Mário de Andrade. Instituto de Estudos Brasileiros- IEB/ USP.

apresentação do autor ao seu público leitor (*Presentación*), e outra que tem Mussolini como personagem (*Schiacciarem... la bestia rossa... Mussolini, tu Bandera tiene "ROJO"*):

*En versos yo Canto
Ideas bonitas
Cuajadas de pranto
Mil cosas. Malditas!*⁴⁴

Em *Presentación*, o autor se apossa de um recurso denominado *metalinguagem*, ou seja, é a poesia sobre a poesia, quando a mesma usa sua forma para falar sobre si própria. Na forma de soneto, mas não soneto perfeito⁴⁵, segue-se:

*Destilan mis versos
Venen amarguillo
Por ser tan perversos
Que ni el manzanillo.*

*Florece en Abril:
Com alma bermeja
Color del Brasil...*⁴⁶

Em *Schiacciarem... la bestia rossa... Mussolini, tu Bandera tiene "ROJO"*, o conteúdo vale-se do contexto social e político da Itália fascista:

Mussolini...

*Siendo el asunto de los colores
El que te causa mayor enojo
De tu Bandera, retira el ROJO
Y así te iludes, los disabores...*⁴⁷

44 *Presentación, poesia de Rospo. Pront. nº 747, Federação Hespânica. Deops/SP. Apesp.*

45 O soneto perfeito é composto de dois quartetos e dois tercetos, em versos decassílabos. Essa forma diverge do soneto apresentado pelo autor.

46 *Poesia Presentación. op. cit.*

47 *Schiacciarem... la bestia rossa... Mussolini, tu Bandera tiene "ROJO"*, de Rospo. Pront. nº 747, Federação Hespânica. Deops/SP. Apesp.

Nesta composição, pode-se observar a contestação contra o fascismo e a concepção do autor frente à figura de Mussolini, criticado por suas atitudes e acusado de usar a bandeira nacional para contestações pessoais:

*Y, si mostrase algun disgusto,
Dala de palos, que su dolor...
Es de mentira – Impón tu Gusto!*⁴⁸

Um fato curioso é verificar como a Polícia Política “fichava” alguns poetas diferenciando-os de artistas conhecidos. Sem a fatura de farpas encontradas no discurso oficial dos prontuários anônimos, observa-se certo cuidado das autoridades policiais em citar determinadas personalidades admiradas pelo povo. Deixavam a repressão maior para os anônimos, talvez pelo fato destes viverem num submundo e por não serem reconhecidos por suas obras. Ao longo de décadas, desde a sua criação em 1924, o Deops sustentou toda uma teoria, carregada de simbologia e estigmas, com o propósito de argumentar contra os artistas e poetas anônimos. A intenção era de obter apoio da população na luta contra o comunismo, “diabolizado” como “perigo vermelho” ou “credo bolchevista”; uma fé distinta da católica e que, por ser “desviante”, deveria ser combatida.

Ainda que cautelosos, a Polícia Política não deixou de “fichar” cidadãos ilustres como Jorge Amado⁴⁹, José Bento Monteiro Lobato⁵⁰, Camargo Guarnieri⁵¹, Erico Verissimo⁵², Lasar Segall, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, Cassiano Ricardo⁵³, Patrícia Galvão⁵⁴, entre outros. A trajetória social de cada um desses artistas, poetas, escritores e pintores não os furtou de serem rotulados, em algum momento, de comunistas e subversivos. Alguns – talvez por suas negociações com o poder – receberam certas concessões por parte do Estado. Como já foi dito anteriormente, é o caso de Cassiano Ricardo. Seu prontuário contém apenas um documento da Subchefia de Investigações de Ordem Política, de 5 de

48 *Idem.*

49 *Pront. nº 5.777, Jorge Amado.* Deops/SP. Apesp.

50 *Pront. nº 6.575, José Bento Monteiro Lobato.* Deops/SP. Apesp.

51 *Pront. nº 19.897, Camargo Guarnieri.* Deops/SP. Apesp.

52 *Pront. nº 99.989, Erico Verissimo.* Deops/SP. Apesp.

53 *Pront. nº 93.193, Cassiano Ricardo.* Deops/SP. Apesp.

54 *Pront. nº 1.053, Patrícia Galvão.* Deops/SP. Apesp.

maio de 1948, referente ao embarque do poeta para o Rio de Janeiro. Persiste certo “silêncio” sobre esse prontuário, uma vez que foram omitidas outras tantas atividades políticas do poeta que, em 1932, havia participado da Revolução Constitucionalista de São Paulo, deflagrada contra o governo federal. Nessa época, Cassiano chegou a proferir discursos radiofônicos na série “Em defesa da revolução”, inspirados nos poemas de *Martim Cererê*. De qualquer maneira, a cultura foi amordaçada, os versos ficaram sufocados e a alma do povo foi lentamente mutilada. Infelizmente, nem todos percebiam que a *razão do Estado* não era a *razão do povo*.

Mas, o que há em comum entre os poetas “sem *copyright*” como Salisbury Galeão Coutinho⁵⁵, Hélio Morato Krahenbuhl⁵⁶, Benedicto de Almeida⁵⁷, Domingos Rex⁵⁸, Paulo Torres⁵⁹ e Jayme Adour da Camara⁶⁰? Três elementos os uniam: a intelectualidade, a poesia e o comunismo. Enquanto produtores de conhecimento, esses intelectuais se valiam dos seus “versos malditos” para fazer propaganda política e incitar uma revolução radical, a exemplo da Rússia.

Um caso a ser citado é o de Domingos Rex, professor espanhol, enviado ao Brasil pelo Ministério Espanhol. Em São Paulo, o prontuário proferiu inúmeras conferências sobre a situação da Espanha, que vivenciava momentos difíceis com a Guerra Civil (1936-1939). Em busca de solidariedade à causa espanhola, Rex fez dos seus versos um instrumento de luta política. Em 31 de julho de 1937, a *Folha da Manhã* de São Paulo convidava o povo paulista para mais uma das conferências do professor Rex, a ser realizada na sede da Federação Espanhola, à rua do Gasômetro, 49, na cidade de São Paulo.

Amanhã, realizar-se-á na sede da Federação Espanhola a nona Conferência do curso “Gestos e Perfis da Hespanha” a cargo do Prof. Domingos Rex. “Homenagem a Federico Garcia Lorca” é o tema da conferência. O Prof. Domingos Rex, enviado pela junta de Relações Culturais do Ministério de Instrução Pública da República Espanhola falará sobre o perfil lírico do grande poeta.

55 Pront. nº 163, Galeão Coutinho. Deops/SP. Apesp.

56 Pront. nº 4.343, Hélio Morato Krahenbuhl. Deops/SP. Apesp.

57 Pront. nº 1.103, Benedicto de Almeida. Deops/SP. Apesp.

58 Pront. nº 4.144, Domingos Rex. Deops/SP. Apesp.

59 Pront. nº 796, Paulo Torres. Deops/SP. Apesp.

60 Pront. nº 7, Jayme Adour da Camara. Deops/SP. Apesp.

Recitará algumas de suas composições e relatará os elogios feitos a sua obra pela intelectualidade da Espanha e da América. A conferência se realizará às 10h e será irradiada pela rádio Educadora Paulista⁶¹.

Apesar de não encontrarmos nenhuma poesia entre os documentos confiscados e anexados ao prontuário de Rex, esse recorte elucidava o “perigo” atribuído aos versos poéticos. O evento homenageava o grande poeta espanhol Federico Garcia Lorca, também teatrólogo e intelectual. Como tal, foi condenado por suas ideias e ações políticas, vindo a morrer fuzilado no dia 19 de agosto de 1936, em Viznar, Granada. Assim, podemos considerar que não apenas a poesia em si, como também *reportar-se a ela* e aos poetas “subversivos” eram atitudes que comprometiam qualquer cidadão, especialmente os estrangeiros. A homenagem ao poeta Lorca serviu para comprovar que Rex agia como propagandista comunista sendo, portanto, como um indesejável ao regime.

Por último, vale citar o caso do poeta Paulo Torres, que – apesar de não haver tido nenhuma poesia confiscada – nos instiga a uma reflexão. Numa entrevista ao jornal *Tempo*, em 3 de setembro de 1931, Torres foi questionado pelo repórter sobre o que faria se tivesse muito dinheiro. E o poeta respondeu:

Se eu fosse muito rico, trataria de me desvencilhar desse trambolho que é a riqueza, antes que, por circunstâncias inevitáveis, ela viesse a perder seu valor (...) Então, pela primeira vez na vida, teria um gesto profundamente gentil: faria um soberbo presente ao Sr. Papa, presente que, certo, pelo seu alto valor diplomático, concorreria para estreitar ainda mais os laços de amizade que indiscutivelmente já unem os governos do Brasil e da Santa Sé⁶².

Em sua resposta, o poeta critica a riqueza e, com ironia, faz referências ao “soberbo presente” que daria ao Sr. Papa. Ao enfatizar os laços de “amizade” entre Estado e Igreja Católica, o poeta não omite o anticlericalismo que dava o tom aos seus escritos clandestinos e confiscados pela polícia de Vargas. Segundo a Polícia Política, Paulo Torres – por ser intelectual e autor de vários trabalhos, como peças teatrais e o livro *Poemas Proletários*, de tendência absolutamente comunista –

⁶¹ *Pront. n° 796, Paulo Torres*. Deops/SP. Apesp.

⁶² *Idem*.

deveria estar em “constante observação policial”⁶³. Mas não apenas Paulo Torres merecia vigilância. Seus leitores, possíveis reprodutores das suas ideias, também eram vistos como cúmplices dessa empreitada revolucionária, libertária na sua essência.

A São Paulo das décadas de 1930 e 1940 se viu povoada de poetas sonhadores que, com seus “versos subversivos”, procuravam sensibilizar as massas para a revolução social⁶⁴. As utopias multiplicavam-se sob a forma de rimas e seduziam o proletariado carente de emoção e de mensagens de felicidade futura. Por portar o livro *Poemas Proletários*, de Paulo Torres, o comerciário Poncio Gonçalves⁶⁵ foi acusado de atividades comunistas pelas autoridades da Delegacia de Ordem Social de São Paulo, onde negou ser agitador e afirmou ser apenas simpatizante de tais ideias.

As 62 páginas do livreto *Poemas Proletários*⁶⁶ consistem, na sua maioria, em poesias curtas, de falas simples e com temáticas voltadas ao cotidiano explorador dos trabalhadores. Observamos, num primeiro momento, que os poemas, como *Origem*, *Confidência*, *Amor*, são introspectivos, com rimas que falam individualmente a cada leitor trabalhador. Entretanto, na medida em que o livro segue, podemos notar um crescente tom panfletário e concitador para que os operários mobilizem suas forças a fim de promover a revolução. É o caso da poesia *Apelo*:

operários do brasil
operários da américa
operários da usina
operários da ideia,
*nós somos a força*⁶⁷

Devemos destacar a abordagem gramatical adotada pelo autor, sempre em letra minúscula, inclusive nomes próprios, e de forma simplificada. A introdução

63 Informe de José Marrote ao Sr. Dr. 5º Delegado, sem identificação. São Paulo, 12 dez. 1939. *Pront. nº 796*, Paulo Torres. Deops/SP. Apesp.

64 Sobre livros proibidos, ver CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros Proibidos, Idéias Malditas*. op. cit.

65 *Pront. nº 4.246*, Poncio Gonçalves. Deops/SP. Apesp.

66 TORRES, Paulo. *Poemas Proletários*. São Paulo: Empresa Editora Unitas. 1931. Coleção Mario de Andrade, Instituto dos Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo.

67 Poesia *Apelo*. In: TORRES, Paulo. op. cit. pp. 55 e 56.

de *Apelo* evidencia o porquê de as rimas de Paulo Torres terem sido consideradas perigosas à ordem social nacional, principalmente na São Paulo dos anos de 1930. Em *Aos Povos Distantes*, parte III, o Viaduto do Chá foi o cenário escolhido por Torres:

*os imigrantes
com filhos ao colo
pedem pão no viaduto do chá*⁶⁸

Podemos concluir que o cenário do cotidiano operário de São Paulo foi o viés inspirador de um poeta que procurou sentir a vida dos oprimidos sem preocupações rotineiras de forma. Descrevia em rimas suas dores e suas aspirações de maneira clara, precisa, simples e verdadeira. Paulo Torres, assim como outros poetas rebeldes da cidade de São Paulo, não se prostrou diante da exploração operária pelos poderosos e, por meio dos poemas, gritou em nome de um povo que tinha suas falas e suas ações roubadas. Enfim, na Pauliceia Desvairada, as rimas foram o instrumento de luta contra o governo repressor.

⁶⁸ *Aos Povos Distantes*. In: TORRES, Paulo. *op. cit.* p. 51.